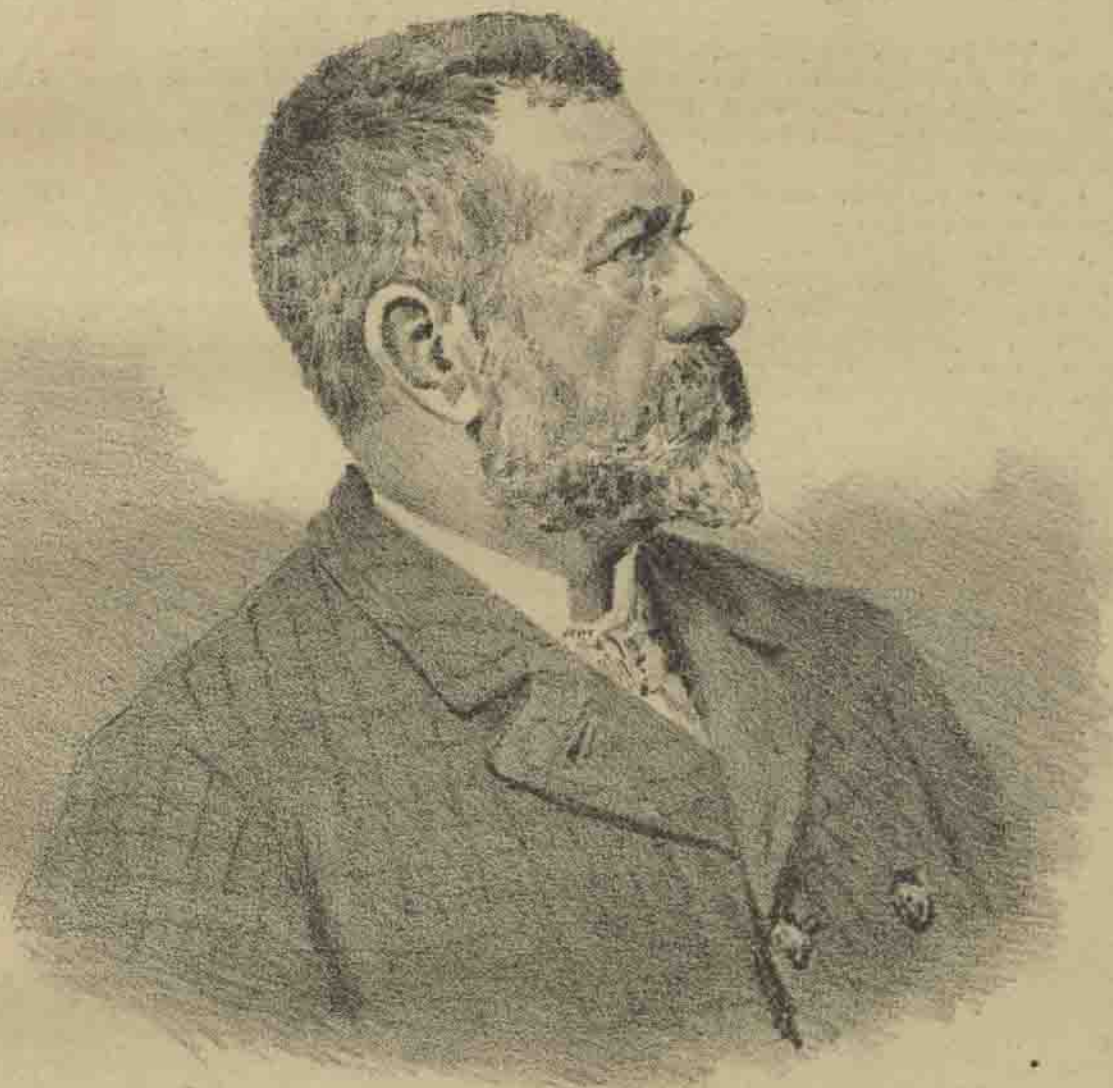


Joaquim Fernandes d'Oliveira Mendes



São tão raros os casos de protecção a artistas portuguezes que não podiamos deixar de prestar uma homenagem de respeito e agradecimento ao sr. Oliveira Mendes que tomou sobre si as despesas com a conclusão da educação artistica de Augusto dos Santos, o moço escultor que concluiu este anno o curso da Academia Portuense de Bellas Artes.

O acto praticado pelo sr. Oliveira Mendes é muito mais do que um favor pessoal, é um serviço á arte nacional. Por isso aqui deixamos consignado o nosso agradecimento, na mesma paginã em que saudamos Augusto dos Santos.

GAROTO DE RUA



Quanto a adolescencia se monotonisa e entristece, mercê das dyapepsias em que se atola, e das depravadas precocidades onde queima as azas — quanto, compensando, a infancia parece desinquieta e cheia de sobresaltos.

As ruas da cidade, tão incarakterísticas como architectura, tão pouco originaes como *étalage*, as ruas da cidade devem o pequeno ar buliçoso, que ás vêzes as faz parecer animadas, á intervenção artistica, humoristica e philosophica do garoto, allegoria viva das folganças do espirito meridional...

Elle deita do alto, com os falsetes de sua voz cascalhadora, no meio dos silêncios broncos que a turba faz em se impressionando, a palavra quente, colorida typica, recapitula lora e indispensavel para desflegmasiar o estado moral do momento, e restabelecer curso ás funcções collectivas, um instante retidas na pasmaceira, perante um cão agonisante, ou perante um casamento nos Martyres, indo a noiva de branco, e o paranypho, de conselheiro.

Admiravel pequena machina de risota, magra, espigadiça, petulante, alerta, grandes olhos, dedos longos o barrete afitando o cocuruto, como as orelhas de cão que vê gato... — e tendo nos beiços finos, espirrando sempre, como um genuino mosto vermelho e olorante, o dichote que hade ir garrochar o ridiculo que fór impondo magestade e corpulencia, por essas ruas...



D'uma vêz (ha-de-me isto sempre lembrar com bonhomia) estava eu no alto da Rua Nova do Carmo, todo aperaltado n'um cheviote mirabolante, em cuja trama — dizel-o devo para vergonha eterna de meus netos! — collaboravam todas, mas todas as riscas do arco iris, fundindo cambiantes n'uma especie de fundo côr de barrela, apreciado em barda pelos estoira-dinhos d'então. Dois mezes antes, o Condeixa, então dominando na moda, pontifice maximo das cazimiras! como inaugurasse um traje amarello, todo o mundo tinha querido lançar a cambiante dilecta do gommoso. Em termos que eu estava com outros discretando litteratura em voz alta; e parece que satisfeito das opiniões que expendia.

Tinha por exemplo um petulante feltro sobre a orelha, um *lorgnon* de cabo esculpido na mão, e com o qual exaggerava, no sentido do pictoresco, esta de vêr a myopia ligeira dos meus olhos. Um garoto que nos viu, atravessou a rua, phosphorejando malicia de toda a sua pequenina pessoa. No grupo, entre varias

celebridades europeas, estava um gordo, vermelho e guapo, possuidor d'um nariz que mal respirava entre grandes bochechas, como um rabanete asphixiado entre montanhas — e a boquinha pequena, sangrenta de saude, sem relevo de labios, dava-lhe a expressão obscena d'estes bonecos que saem de dentro das caixas de segredo, nas arvores de Natal... E deante de nós quatro, tomando do chão um caco de vidraça, o garoto inperlega-se, buscando traduzir a expressão caricatural da minha figura... barrete á banda, como eu tinha o feltro; o caco de vidro nos dedos, á altura dos olhos, e seu geito lesto do dedo indicador, fugindo dos cantos da bocca, como para desenhar o sacca rolhas das guias dos meus bigodes, eminentemente folhetinisticos.

— *Vocinsellencia* fica-me com esta cautellinha, senhor lagarto pintado?

Eu pasmado d'aquella falta de respeito — um escriptor tão applaudido! Mas o gordo virou se, empurrando com aspereza o petulante.

— Não empurre, não empurre! recalcitrou este. Olhem p'ra esta cara! Parece uma canivetada n'um c...

E parecia.



A ironia, que em labios de homem é o corollario amarissimo dos desalentos e das angustias soffridas no terrivel assalto feito á riqueza ou á voga, por cada ambicioso que chega; a ironia, reflexo verde dos pantanos da alma apodrecida em dissoluções todas modernas; a ironia no garoto irisa-se toda em fogos multicôres, que tivessem por base a saude, a esperanza, o desprendimento stoico, a petulancia e a alegria de se sentir viver.

Ha n'ella o que seja d'um circulo magico protegendo a infancia contra o desespero da miseria, e preparando o homem para o estranho jogo d'azar dos cynismos sociaes, empenhados na lucta do goso e do luxo, contra os processos rudimentares de ganhar a vida soldo a soldo, n'um trabalho honesto e fatigante.

N'este paiz de relassos, o garoto é a actividade; n'este paiz de sonambulos, o garoto é a iniciativa; n'este paiz d'enfermiços, o garoto é a exuberancia e é a saude.

Logo de manhã, inda sobre o rio mal vão descerrando as brumas pardacentas, quando a cidade vasia parece um cemiterio á beira d'uma lagoa morta, o garoto lá vae, descalço sobre a lama, coberto de destroços de vestidos, co'a pasta de jornaes pendente ao quadril, offerecer aos que partem para a labuta do dia nascente, a rezenha dos casos tracejados de vespera, e a sumula dos interesses partidarios, debati-dos em artiguinhos de verrina... E' de vêr com que firmeza, com que galantaria, com que musica, o seu pregão repercute ás esquinas o nome do jornal que mais lhe soa, e mais lhe rende, e observar então como elle o offerece, e faz valer, impondo-o no giro de quem vae, somnolento ainda e cabis-baixo, para o armazem, para a officina, amarrar-se ao cepo da sua occupação quotidiana.

— *Diá notiç, der ó ó* ..

Pobres pequenos!



Elle—Procuras então uma casa?
Ella—Não meu amigo. Francamente, francamente, o que eu procuro é um senhorio.

4.^a feira, 26 de novembro

Quando a lua é lua cheia,
Quando o sol está no zenith,
Lua e sol são qual candeia
Ante a luz que patenteia,
Volta e meia,
O doce olhar da Judith!

E essa mulher, toda mystica,
Que tem vulcões no olho gaseo,
Faz a sua festa artistica,
No Gymnasio:

Que carradas de dinheiro
Que entram n'aquelle edificio!
Pois decerto o mundo inteiro,
Em bulicio,
Invade, qual formigueiro,
O Hotel Luso Brasileiro
Com que ella faz beneficio!

Pelo mundo

Levantei-me hoje ás seis horas
—Fazia um frio de rachar!—
Preparei-me sem demoras,
Calcei botas, puz esporas,
Disse á Musa.—Vou montar!

E a Musa, sorrindo meiga,
Respondeu:—Monta, menino!
E disse—a dar-me manteiga—
—Tens bom calção, que se arreiga
Sobre o Pegaso ladino...

E, como a geada aguda
Me causasse um vivo abalo,
Ella, a Musa façanhuda,
Chegou-se, e deu-me uma ajuda
Pr'a que eu montasse a cavallo.

Montado, toquei de espora
Ao cavallo furibundo,
Que em menos d'um quarto d'horas
Qual boi que dá volta á nora,
Tinha dado a volta ao mundo!

Percorrendo o mundo a rodo
N'essa carreira laconica,
Que encontrei no mundo todo
P'ra dar ao leitor um bodo
De noticias n'esta chronica?

Nada de novo, confesso,
Do mundo na vasta feira!
Tudo é velho e corre impresso;
Nem topei sequer progresso
Na questão da ladroceiral

De *Boring* a casa forte
Deu nos fundos cheque e mate:
E, tendeiros de má morte,
Fallidos da mesma sorte,
Vestem p'lo mesmo alfayate!

Cães, só cães, o mundo tem;
Eis tudo, em resumo friol...
Que espanta, pois, que eu tambem;
Na terça feira que vem,
Pregue um cão—ao senhorio?...

PAN-TARANTULA

O SEU EFFEITO

Do Congo o sabonete é o rei da *toilette*.
Pois na agua da bacia alma e dor entremette,
Torna a leite doroso de espumante alvor,
E á cutis communica angelico fulgor.

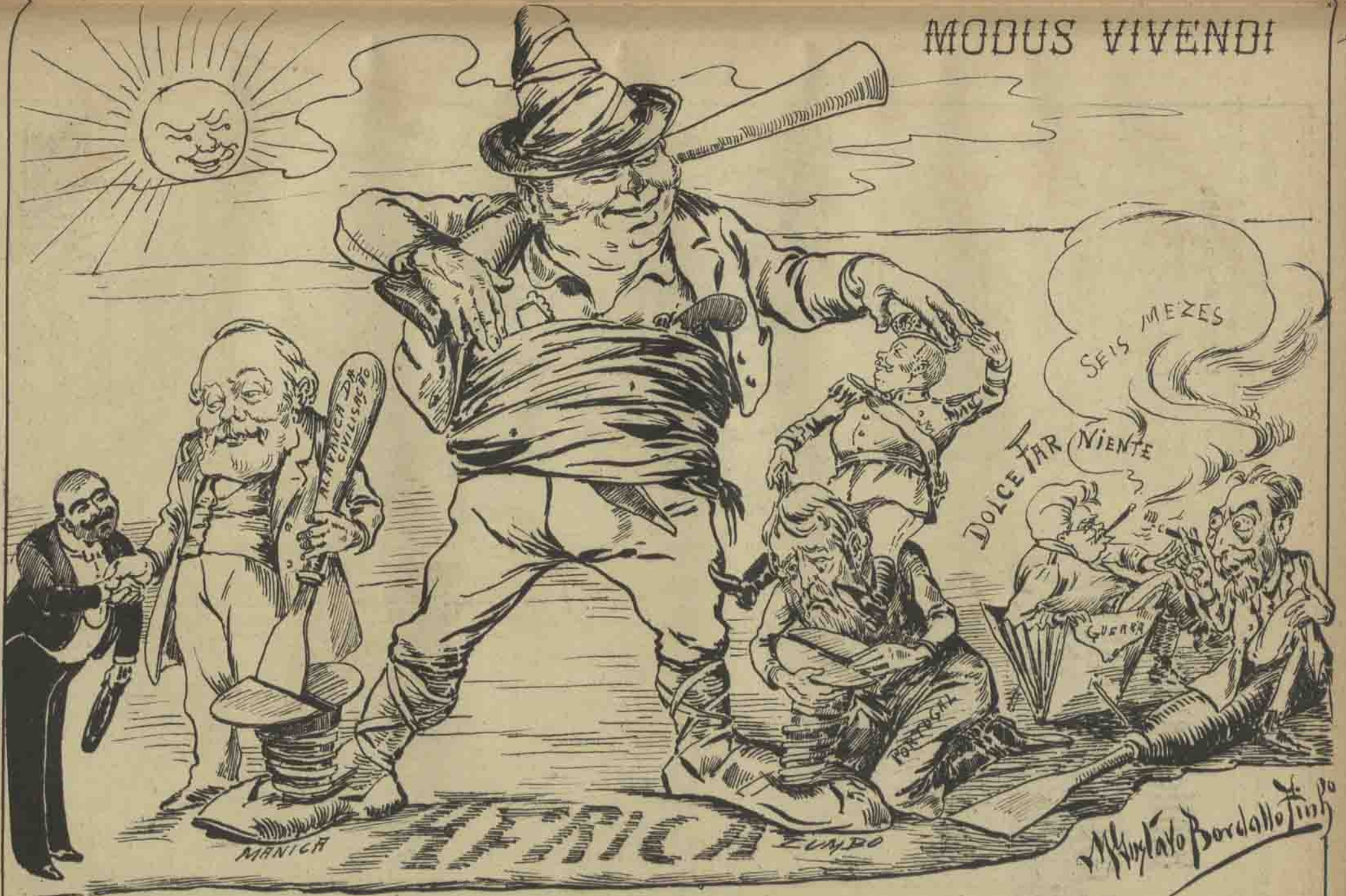
Saboaria Victor Valssier, Paris. Ronbaix.

O ULTIMATUM



11 de Janeiro. — John-Bull desfecha o ultimatum. Portugal indigna-se, a corôa vacilla, e Salisbury prepara o parafuso do tratado de 10 de Agosto.

MODUS VIVENDI



Seis mezes bastam, Soveral amigo, para acabar de aparafusar...

Bibliographia



D'entre a enorme quantidade de livros, que, dia a dia, fazem a jornada dos prélos para as livrarias, em cujas estantes dormem socegradamente, raros são os que deixam a impressão de bem-estar que se sente ao fechar o volume que Antonio Feijó acaba de publicar.

Se é certo que a este poeta fallece o folego para obras de analyse, ou para a poesia de grande orchestração, não é menos verdade que é um dos representantes do parnasianismo em Portugal, e um dos melhores. As suas produções, notaveis pela belleza da forma e por uma suavidade estranha e esquisita, destacando pela minuciosidade do descriptivo, e por tudo isso que constitue o lavor cuidado e miudo das obras chinezas, dão-lhe um logar á parte entre os poetas portuguezes.

Os livros que Antonio Feijó tem publicado teem todos o merito da forma, que tanto se procura desprezar e que no entanto é uma das maiores bellezas da poesia. O *Cancioneiro Chinez* é mais uma confirmação do que acabamos de dizer. Compõe-se este livro de traducções do *Livro de Jade*, todas ellas esmeradas, feitas com amor, trabalhadas com paciência, cuidando aqui d'uma peça que está em risco de partir-se, allí d'outra que não dá a harmonia do conjunto, e conseguindo, ao cabo de mil cuidados, formar um todo a que a belleza não falte e que tenha a transparencia da porcellana e o acabado fino e delicado das obras em mafim do imperio.



Bem ao contrario do que se suppõe, este genero de traducções apresenta difficuldades gravissimas. Já porque a comprehensão do espirito chinez, n'este caso, seja alheia quasi completamente á impressionabilidade de um peninsular, já porque o aroma de chá, que evolve do *Livro de Jade* não seja o *Corylopsis du Japon* dos poetas europeus, afigura-se-nos de um valor pouco vulgar o *Cancioneiro Chinez*, em que se conserva o caracter,—como o suppomos, é claro—d'aquelle paiz envolvido para a Europa n'um mysterio ainda impenetrado.

Não é logar aqui para esmiuçar analyses ou detalhar estudos sobre as diversas composições d'este volume, que qualificaríamos de mimoso e, se o adjectivo não estivesse consagrado a exprimir idéa bem diversa. Nem da comparação resultaria relevo a umas e desdouro a outras. Destacamos comtudo a poesia que segue, como um *specimen*, que julgamos completo, de poesia *chinez*:

Diante do espelho

Sentada ao pé do espelho reluzente
está fitando a lua a fulgurar;
mas da janella o roseo transparente
intercepta as caricias do luar...

Parecia que tinham espalhado
no aposento discreto e silencioso
sobre o nitido chão, pulverisado,
mil pedaços de marmore precioso.

E em vez de pentear, languida e bella,
os seus cabellos sobre o collo nú,
enrola o transparente da janella
feito de finas hastes de bambú.

A Lua appareceu mais deslumbrante
na amplitude da Noite illuminada,
como a mulher que deixa n'um instante;
cahir aos pés a tunica bordada.



O livro de Feijó encerra bellezas d'este quilate.
Não é este o logar para apreciar-o mais miudamente;
só ha que felicitar o poeta pela sua obra e esperar
que em breve appareça outro volume como este.

EUPHON.



Segundo as nossas celebridades medicas, é facto reconhecido que a grande mortalidade das creanças de peito é devido ao leite infectado de microbios: O sr. Robert, o inventor do bem conhecido biberon d'este nome acaba de obter privilegio para um biberon de filtro.

Este novo aparelho apresenta a immensa vantagem de filtrar o leite antes de ser absorvido pela creança. E' pois de toda a necessidade empregar unicamente o biberon Robert de filtro para sustar a mortalidade infantil.

Deposito geral para Portugal, sr. José Pereira Bastos, Drogeria Peninsular, 39, R. Augusta, 41, Lisboa



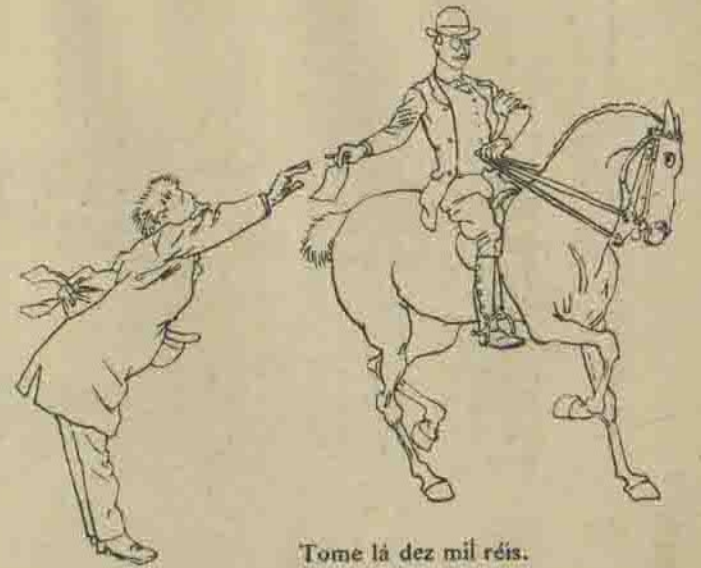
PROMETTER NÃO É DAR



Sr. Visconde, eu vinha por aquella continha...



Vou dar-lhe alguma cousa, por conta.



Tome lá dez mil réis.



Então, pegue lá!



Ande, avie-se, pegue n'isso...



Peor para você... fica p'rá outra vez.

COY. DE CARVALHO

O banquete republicano



Para comemorar o anniversario da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brazil, o Gremio Henriques Nogueira convidou os republicanos portuguezes a tomarem parte n'um banquete que teve lugar no restaurante Roza Araujo.

Foi uma festa intima, uma reunião de homens ligados por um ideal commum, e tendo uma unica aspiração : realizar em Portugal o que hoje é um facto no Brazil.

La tivemos o nosso lugar. E, se a um artista não pode exigir-se a facilidade orataria, impõe-se-nos contudo, a obrigação de agra'ecer aqui as provas de sympathia que nos foram dispensadas.

Heliodoro Salgado, brindando a imprensa brasileira, aproveitou a occasião para se referir á imprensa portugueza, incluindo nos por uma maneira delicadissima na sua saudação. A Heliodoro Salgado e a todos os convivas aqui deixamos tributados os nossos mais cordeaes agradecimentos pela gentileza das suas manifestações.